
A pombagira na mídia: um estudo sobre representações dos jornais Extra Online e Diário de Pernambuco¹

João Victor Rodrigues SOARES²
Cintia da Silva MARTINS³
Carmen Luisa Chaves CAVALCANTE⁴
Adriana Santiago ARAUJO⁵
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo visa analisar como os portais de notícias, Extra Online e Diário de Pernambuco noticiaram a performance da atriz e modelo, Viviane Araújo, caracterizada como pombagira Maria Padilha, entidade presente nos cultos da religião afro-brasileira, umbanda, durante o ensaio técnico da escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro, em janeiro de 2016. Ano em que a agremiação apresentou o enredo “A ópera dos malandros”, exibindo as sucessivas mudanças pelas quais passou a figura do malandro e a sua estreita relação com Exu e sua companheira, Pombagira, associados frequentemente ao demônio cristão. Interessa também elucidar como essas produções jornalísticas feitas pelos portais abordam o tema, bem como se isto pode influenciar o leitor quanto às religiões de matriz africana e suas representações culturais.

Palavras-chave: Carnaval carioca; pombagira; construção de sentido; representação; jornalismo.

Introdução

No dia 24 de janeiro de 2016, domingo, a atriz e modelo Viviane Araújo chamou a atenção da mídia e do público que assistia ao ensaio técnico da Escola de Samba carioca, Acadêmicos do Salgueiro nas arquibancadas do Sambódromo do Rio de Janeiro. Naquele ano, a agremiação iria apresentar no carnaval da capital fluminense o

¹ Trabalho apresentado na IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: joaovictorrdgs@edu.unifor.br

³ Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: cintiamartins@unifor.br

⁴ Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professora do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: kaluchaves@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Culturas Contemporâneas (UFBA). Professora do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: adriana@unifor.br

enredo “A Ópera dos Malandros”. A passista estava fantasiada como a pombagira Maria Padilha, entidade da religião afro-brasileira, umbanda. A performance “arreatadora” da rainha de bateria foi noticiada em inúmeros portais de notícias, gerando grande repercussão nas redes sociais.

Ao refletir acerca do modelo de representação adotado sobre grupos culturais minoritários durante coberturas jornalísticas de rituais festivos, como o carnaval, percebeu-se que a produção da notícia poderia influenciar a construção de sentido sobre este grupo cultural, principalmente por conta da limitação de compreensão sobre a entidade representada pela atriz em questão e as ligações culturais que envolvem a umbanda e outros cultos de matriz africana. Tais limitações poderiam até alimentar estigmas sobre as religiões afro-brasileiras, bem como as suas representações culturais.

Acreditamos que o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere e oculta. As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não suprem a audiência de toda a informação necessária, mas atualizam o sentido de realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões.

Desse modo, o presente artigo pretende analisar o contexto no qual o carnaval carioca está inserido, assim como a performance de Viviane Araújo e o conteúdo veiculado nas versões digitais dos jornais Extra e Diário de Pernambuco. Estes realizaram a cobertura jornalística sobre o fenômeno mencionado, buscando contribuir para a discussão sobre a construção de sentidos acerca da entidade umbandista, Maria Padilha. Para a pesquisa, também é pertinente analisar os discursos não-ditos que emergem à superfície das notícias, sejam eles imagéticos ou textuais.

Como metodologia, busca-se apresentar a problemática abordada a partir da análise de discurso e de conteúdo aplicadas as matérias com base quali-quantitativa, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para a produção do referencial teórico do trabalho na tentativa de compreender melhor acerca da umbanda como religião afro-brasileira, assim como suas entidades Exu e Pombagira e a relação destes com o carnaval, bem como a origem das escolas de samba e da Acadêmicos do Salgueiro no Rio de Janeiro.

A umbanda: uma religião à moda brasileira

Desde o princípio, as religiões afro-brasileiras se constituíram sincréticas, ou seja, estabelecendo associações, por meio de semelhanças entre divindades africanas e santos católicos, tidos como intermediários entre Deus e os homens, para evitar a repressão e perseguição pelos órgãos oficiais do governo. Assim, em meados da década de 1920, a umbanda se instituiu, como culto organizado, na cidade do Rio de Janeiro, fundamentada nas práticas que mesclam elementos dos ritos africanos, católicos, indígenas e do espiritismo kardecista (SILVA, 1994; ORTIZ, 1978).

De acordo com Mourão (2012), na umbanda só existe um Deus, que é chamado Olorum, nome iorubá, e abaixo deste, existe um panteão enxuto de orixás que se resumem a apenas nove: Oxalá, Iemanjá, Nanã, Oxum, Iansã, Ogum, Xangô, Oxóssi, Obaluaê. Segundo Silva (1994), no culto umbandista, os orixás são entendidos e cultuados com outras características, sendo considerados espíritos muito evoluídos, distantes dos homens que só ocasionalmente descem à Terra e, ainda assim, apenas na forma de uma força abstrata.

Embora mantenha o culto aos orixás, a umbanda também traz em seu panteão espiritual, entidades ditas menos evoluídas, como os pretos velhos (espíritos de escravos negros), caboclos de penas (espíritos dos ancestrais indígenas), caboclos de couro (espíritos de boiadeiros e vaqueiros), erês (espíritos de crianças), exus e pombagiras (espíritos de malandros, bêbados, prostitutas, cortesãs, mulheres e homens mal vistos pela sociedade dominante da época). Segundo Silva (1994) esses entes remetem aos segmentos formadores da sociedade brasileira, fato que Mourão (2012) atribuiu como diferencial da religião umbandista: mergulhar profundamente na realidade local e nela buscar sua fonte de inspiração, transformando em símbolos sacros, figuras do cotidiano popular.

A umbanda, por sua herança kardecista, preservou o bem e o mal, como dois campos legítimos de atuação, mas tratou logo de os separar em departamentos estanques. A umbanda se divide numa linha da direita, voltada para a prática do bem e que trata com entidades "desenvolvidas", e numa linha da "esquerda", a parte que pode trabalhar para o "mal", também chamada quimbanda, e cujas divindades, "atrasadas" ou demoníacas, sincretizam-se com aquelas do

inferno católico ou delas são tributárias. Esta divisão, contudo, pode ser meramente formal, como uma orientação classificatória estritamente ritual e com frouxa importância ética. Na prática, não há quimbanda sem umbanda nem quimbandeiro sem umbandista, pois são duas faces de uma mesma concepção religiosa. (PRANDI, 1996, p. 3)

Segundo Mourão (2012), nos rituais umbandistas, *Êsú*, divindade africana cultuada pelo candomblé - como um orixá mediador da comunicação e da sexualidade -, se configura uma nova mítica. Em outros termos, Exu é destituído da função de orixá, divindade de fundamental importância na cosmologia religiosa, e transformado em uma espécie de deidade auxiliar, fortemente sincretizado com entidades demoníacas (Ortiz, 1999).

Conforme Meyer (1996), na umbanda, Exu dialoga suas atribuições de mensageiro, de dono dos caminhos e do cemitério, contudo, incorpora novos sentidos entre os quais, o de ser sincretizado com o diabo cristão e entrar na “hierarquia dos demônios bíblicos, da cabala.. A partir dele se projetou seu duplo feminino, também diaba, também ligada à morte: a pomba-gira” (MEYER, 1996, p.108). A entidade feminina mencionada é singular mas é também plural. São espíritos de mulheres que “se perderam”, gostam de cachaça e de seduzir homens em troca de bens e dinheiro.

A Pombagira é um Exu feminino que desafia a ordem patriarcal da sociedade brasileira por meio da não aceitação da subordinação da mulher aos papéis domésticos tradicionais de esposa e mãe. Como “mulher da rua” e não “da casa”, a Pombagira, no estereótipo da prostituta, questiona o lar, a família, a maternidade e o casamento como as únicas possibilidades de ação da mulher ou de expressão do feminino. Ela se utiliza da diferença anatômica (pênis e vagina) associada ao sexo biológico (macho e fêmea) e aos papéis de gênero (masculino e feminino) para questionar, através da jocosidade e da licenciosidade (como se fosse um “trickster de saia”), o poder social que instaura as relações de dominação. (SILVA, 2012, p. 1088)

Ainda de acordo com Silva (1994), outras entidades podem se situar no mesmo plano dos exus e pombagiras, ou um pouco acima em termos de evolução espiritual. É o caso do Zé Pelintra, dos marinheiros, baianos e ciganas. Essas figuras comumente fazem alusão aos segmentos marginalizados da sociedade brasileira, como os malandros, boêmios e prostitutas representados no desfile da Salgueiro.

O carnaval brasileiro e as escolas de samba

Em seus estudos sobre o carnaval brasileiro, Da Matta (1981) afirma que o festejo não deixa ninguém de fora, mas que seus personagens básicos são sempre os marginais, os oprimidos, as mulheres, as crianças, os desterrados do mundo, os ladrões, as putas e os “bichas”. O autor ainda ressalta que há uma vocação do nosso carnaval, em particular, por todos os inferiores estruturais, o que nos remete para a esfera do religioso:

De fato, tenho aprendido com o livro de Yvonne Maggie (Guerra de Orixá. Rio de Janeiro: Zahar) que na umbanda, como no carnaval, os inferiores estruturais (índios, putas, malandros e escravos = pretos velhos) são figuras dominante do culto e da teoria. Como se pudesse provar que a justiça social não estando aqui, poderá ser encontrada no outro mundo. Ou mais que isso: que este mundo e o outro estão intimamente relacionados e não divididos, como querem as leis e a religião oficial. Assim, o povo em sua generosidade estabelece relações onde antes não poderia haver pontes. São as suas serpentinas que permitem uma tênue ligação de todos com todos nesse universo profundo e maravilhoso do carnaval brasileiro. (DA MATTA, 1981, p. 87)

Segundo Mariza Peirano, é possível considerar o carnaval como um ritual, ou seja, “um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (PEIRANO, 2003, p. 9). Para a autora, o carnaval é um rito profano, festa popular informal que cria uma ideia de comunidade, vide as agremiações carnavalescas consideradas verdadeiras famílias. Peirano (2003), refere-se ao festejo carnavalesco como:

Um ritual sem dono, realizado em determinados dias e em espaços definidos, que favorece a formação de grupos sociais novos, reconfigurados logo depois. O mundo, como o conhecemos, inverte-se no carnaval. (PEIRANO, 2003, p.26).

A ideia da autora acerca do caráter de inversão que o festejo carrega, dialoga com os estudos de Da Matta (1981):

O carnaval não é um carnaval somente porque é capaz de inverter hierarquias e poderes constituídos, ainda que isso seja feito com data marcada e com dias contados. O carnaval é carnaval porque pode

também relativizar a própria morte, tornando o sagrado profano, próximo, palpável, mortal como todos nós. (DA MATTA, 1981, p. 81).

De acordo com Sebe (1986), uma das características mais importantes dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro, como também do Brasil, são as escolas de samba. Para Queiroz (1996), as escolas de samba são sociedades civis de cultura e lazer, sem finalidades lucrativas, nascidas nos morros e subúrbios cariocas no fim da década de 20, cujo principal objetivo é organizar, todos os anos, desfiles luxuosos que ocupam hoje o centro de uma festa espetacular. A autora ainda afirma que a primeira escola que existiu legalmente foi fundada no dia 28 de abril de 1928, no Morro da Mangueira, pelos sambistas Carlos Cachaça, Cartola, Zé Espinguela, entre outros.

Em seu livro sobre a Mangueira, Goldwasser (1975) mostra a estreita relação que existe entre samba e as religiões afro-brasileiras. Originalmente, quando o samba era produzido no morro, era severamente reprimido pela polícia e forçado a se esconder no candomblé, então considerado ligeiramente mais aceitável. O candomblé e a umbanda tinham muitos adeptos na comunidade e alguns casebres serviam de templos. Neles, eram realizadas cerimônias religiosas e outras comemorações. Os terreiros de Tia Fé, Chiquinho Crioulo, de Minan e Maria Rainha, entre outros, serviam ao sagrado e ao profano, ao som dos atabaques.

Nesse contexto, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, uma das tradicionais agremiações da cidade do Rio de Janeiro, foi fundado. A partir da fusão de outras duas escolas de samba, a “Depois Eu Digo” e a “Azul e Branco”, no dia 5 de março de 1953, nasceu a Salgueiro. A “Academia do Samba”, como é carinhosamente chamada possui nove títulos de campeã do Grupo Especial do carnaval carioca, em 1960, 1963, 1965, 1969, 1971, 1974, 1975, 1993 e 2009.

A escola tem em sua origem relações com as religiões afro-brasileiras sendo, inclusive, temas de outros enredos em anos anteriores, como por exemplo: “Bahia de todos os deuses”, em 1969; “Do Yorubá à luz, a aurora dos deuses”, em 1978; “Templo negro em tempo de consciência negra” em 1989. A ligação com a umbanda e o candomblé, principalmente, vai além dos enredos e desfiles apresentados e se faz presente na comunidade e na vida dos sambistas.

Por conta das diversas influências, a diversidade religiosa também se manifestou no Salgueiro. Na subida do morro, o Cruzeiro passou a ser um local para os agradecimentos, com velas acesas para as Almas Benditas, flores e ex-votos de promessas a pagar. Os terreiros de Umbanda e Candomblé também faziam parte da religiosidade do morro. Neles, às segundas e sextas-feiras, os toques dos atabaques, o bater de palmas e o coro, que entoava pontos em iorubá e português, saudavam orixás e caboclos. Um dos primeiros terreiros do morro foi o de Seu Oscar Monteiro, no Pedacinho do Céu, que, ao lado da Tenda Espírita Divino Espírito Santo, de Paulino de Oliveira, foi um dos mais famosos terreiros do Salgueiro. O morro abrigou ainda diversas benzedeiros, como Dona Helena Correia da Silva, uma das mais conhecidas do local. Graças às garrafadas curadoras, banhos de limpeza, rezas localizadas, as benzedeiros do Salgueiro ganharam fama que se espalhou por toda a Tijuca. (G. R. E. S. Acadêmicos do Salgueiro, 2018)

Salgueiro e “A Ópera dos Malandros”

Em 2016, a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro trabalhou mais uma vez as perspectivas culturais afro-brasileiras trazendo como enredo “A Ópera dos Malandros”. Pode-se dizer que o enredo, inspirado na obra homônima de Chico Buarque, apresenta as sucessivas mudanças pelas quais passou a figura do malandro ao longo da história, como diz o texto de apresentação no site oficial da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (2016):

“O tipo que entra faceiro na roda, abre o jogo e fecha com os seus”, o que “vai flanando triunfal por entre deuses e meretrizes, rainhas e monarcas...”. Tem ainda o mestre-sala das alcovas, o bailarino dos salões, o cavaleiro errante dos morros cariocas, “o pensador dos botequins, filósofo das mesas de bares”, e para encerrar o malandro “de fé, que fecha o corpo e abre os caminhos ao próprio destino. Entidade saudada em Omojibás, larojês e saravás. É aquele que entra na gira pra fazer o mundo girar.” (LIESA, 2016).

Como em uma ópera, o desfile foi dividido em atos, são eles: A nata da malandragem; A ópera carioca; Pra se viver de amor; Entre dados, cartas e roletas; Filosofia da malandragem e Apoteose ao malandro de fé e de paz. Prostitutas, mendigos e cafetões são interpretados pelos brincantes, dando ênfase a imagem desse segmento marginalizado e, constantemente, associado às figuras de Exu e pombagira. Diante deste

contexto, emerge o objeto desta pesquisa: a repercussão na imprensa sobre uma fantasia usada durante o ensaio oficial.

As fotografias da rainha da bateria, a atriz Viviane Araújo, fantasiada como pombagira Maria Padilha, teve grande repercussão nos portais de notícias em todo o país. Um fato corriqueiro de coberturas carnavalescas cariocas, tomou uma dimensão nacional e desproporcional. Nas imagens, a passista aparece vestindo uma fantasia vermelha e declarando homenagem àquela entidade feminina. Para Damatta (1981):

A fantasia liberta, des-constrói, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite e ajuda o livre trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano torna proibitivo com as repressões da hierarquia e dos preconceitos estabelecidos. É a fantasia que permite passar de ninguém a alguém; de marginal de mercado a figura mitológica de uma história absolutamente essencial para a criação do momento mágico do carnaval. (p. 75)

A fantasia é parte fundamental do carnaval carioca e da performance de Viviane Araújo, que traz o vermelho como marca da pombagira, uma das cores que caracterizam a entidade. Ela usa ainda um salto alto com short curto, uma blusa que mostra a barriga, as jóias e adereços também remetem aos filhos-de-santo, como são chamados os iniciados na umbanda, o cabelo da modelo é disposto solto com uma rosa vermelha, outra característica marcante das pombagiras de umbanda. De forma geral, Viviane está caracterizada como, geralmente, são representadas as mulheres que desfilam do carnaval carioca: com pouca roupa. As fotografias dão uma ideia de movimento, o que significa que a modelo está sambando e em outros momentos cantando o enredo da escola de samba. É possível ver ainda Viviane cumprimentando os foliões que estão na arquibancada e os fotógrafos.

Análise

Para buscarmos entender a construção de sentidos acerca da pombagira Maria Padilha pela mídia brasileira, tomamos como exemplo as matérias dos jornais Diário de Pernambuco e Extra Online, veiculadas nos dias 26 e 27 de janeiro de 2016, respectivamente. Os casos abordados são dois entre vários exemplos de veiculações

sobre o mesmo fato, mas foram selecionados para corpus desta pesquisa por trazer diversidade de fontes, depoimentos, fotos e, principalmente, a repercussão da performance. Os demais veículos abordaram apenas a repercussão causada após o

SAMBA

Viviane Araújo celebra Pombajira na Sapucaí e rebate preconceito: Já basta

Rainha de bateria do Salgueiro presta homenagem a Maria Padilha e repreende intolerância religiosa manifestada em comentários do Facebook

ensaio, com destaque para o fato ter reverberado nas redes sociais, como Instagram e o Facebook.

O jornal Diário de Pernambuco, o mais antigo em circulação da América Latina, com sede na cidade de Recife (PE), noticiou o fato na terça-feira, dia 26 de janeiro de 2016, com o título: “Viviane Araújo celebra Pombajira na Sapucaí e rebate preconceito: Já basta” (Figura 1), a notícia foi veiculada na coluna online “Viver”, que traz informações gerais sobre famosos e entretenimento. Na quarta-feira, dia 27, foi a vez de o jornal carioca Extra Online publicar, sob o título “Viviane Araújo fala sobre performance em ensaio após povo achar que ela ‘incorporou’ entidade: ‘claro que não. Sou atriz!’” (Figura 2), a notícia foi dada na coluna “Famosos”.

SAMBA

Viviane Araújo celebra Pombajira na Sapucaí e rebate preconceito: Já basta

Rainha de bateria do Salgueiro presta homenagem a Maria Padilha e repreende intolerância religiosa manifestada em comentários do Facebook

VIVIANE ARAÚJO FALA SOBRE PERFORMANCE EM ENSAIO APÓS POVO ACHAR QUE ELA ‘INCORPOROU’ ENTIDADE: ‘CLARO QUE NÃO. SOU ATRIZ!’

Figura 1⁶

Figura 2⁷

⁶ Figura 1. Esquerda: captura de tela da manchete do portal de notícias Diário de Pernambuco em sua versão para web. Fonte:

<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/01/26/internas_viver_623724/viviane-araujo-celebra-pombajira-na-sapucaí-e-rebate-preconceito-ja-b.shtml>. Acesso em: 10 Outubro 2018.

⁷ Figura 2. Esquerda: captura de tela do título da matéria do jornal Extra Online

<<https://extra.globo.com/famosos/viviane-araujo-fala-sobre-performance-em-ensaio-apos-povo-achar-que-ela-incorporou-entidade-claro-que-nao-sou-atriz-18549264.html>>. Acesso em: 10 Outubro 2018

É importante perceber que tais notícias fazem parte de um tipo de jornalismo, o generalista. Para Sousa o jornalismo generalista é aquele que cobre várias áreas. “Normalmente, é um tipo de jornalismo em que os jornalistas privilegiam as fontes de rotina e uma informação sem ambição analítica” (SOUSA, 2004, p. 32 e 33).

Logo no início da reportagem do Diário de Pernambuco, Viviane Araújo é representada por suas “curvas exuberantes” e seu “samba impecável”, reforçando, assim, o estigma de *femme fatale* que atriz carrega. Esse termo em francês é um arquétipo feminino muito usado na literatura e no cinema europeu de gênero policial. Dotada de sexualidade incontrolável e irascível, a *femme fatale* representa um perigo exatamente por sua independência e pela transgressão às normas sociais. Tal figura se apresenta como uma tentação aos homens, capaz de levá-los ao êxtase, mas também ao esgotamento e à morte, identificada, várias vezes, como o próprio Diabo (FRANÇA; SILVA, 2015).

Essas características sensuais, reforçadas pelo texto do jornal, fazem alusão à personagem designada pela passista, a entidade umbandista Maria Padilha, colocada ali como “a mais celebrada entre as Pombajiras, representantes do feminino no espiritismo”. Vale ressaltar que o espiritismo, assim como a umbanda, é fundamentado no kardecismo, ou seja, essa entidade é muitas vezes demonizada dentro da religião.

Viviane Araújo foi estrela incontestável no ensaio técnico do Salgueiro nesta segunda-feira, 25. A modelo e atriz é rainha de bateria da escola carioca, que neste ano traz enredo sobre a *Ópera do malandro*, prestando homenagem a Zé Pelintra e outras entidades de religiões afro-brasileiras. Com suas curvas exuberantes e samba impecável, Viviane foi incumbida de representar, na avenida, Maria Padilha — a mais celebrada entre as Pombajiras, representantes do feminino no espiritismo. (Diário de Pernambuco, 2016)

A matéria do Diário de Pernambuco pouco descreve a performance de Viviane, abordando em maior parte a recepção negativa que o “tributo” teve, principalmente nas redes sociais e, por fim, o texto finaliza com um esclarecimento acerca do porquê da homenagem da atriz não ter sido bem vista pelo público. Esse esclarecimento parte do senso comum de que as religiões de matriz africana não são bem vistas pela sociedade

brasileira, é uma tentativa do jornal de atenuar os estigmas que as religiões como o candomblé e a umbanda carregam.

No Brasil, o candomblé, a umbanda e outras religiões de raiz africana aliam ícones do continente às manifestações locais de fé, a exemplo dos espíritos cultuados pelas populações indígenas. No senso comum, por muitos anos, estas religiões foram equivocadamente associadas a práticas negativas ou maldosas, resumidas como “macumba”. Por isso, ainda hoje, elementos da espiritualidade afro-brasileira são rejeitados por parte da população que desconhece os preceitos religiosos. (Diário de Pernambuco, 2016)

A reportagem do veículo pernambucano também traz fotos. Nelas, Viviane exibe-se trajando uma indumentária vermelha e rosa no cabelo, cor e adereço que fazem referências à Maria Padilha. A atriz aparece sorrindo, em poses sensuais fazendo gestos que evocam os das filhas-de-santo quando incorporadas pela entidade homenageada.



Figura 3⁸

Diferente do Diário de Pernambuco, o Extra está ligado a um jornalismo definido como popular, voltado ao consumidor de menor poder aquisitivo, das classes C e D e com baixa escolaridade. Segundo Amaral (2006), as posições sobre as temáticas

⁸ Captura de tela das fotos presentes na reportagem do portal de notícias Diário de Pernambuco em sua versão para web. Fonte:

<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/01/26/internas_viver.623724/viviane-ara-ujo-celebra-pombajira-na-sapucaie-rebate-preconceito-ja-b.shtml>. Acesso em: 10 Outubro 2018.

abordadas por estes veículos populares são diferentes, porque o lugar econômico, social e cultural do leitor dos jornais de referência é outro. De acordo com Lemos (2001), os jornais populares, como o Extra, correm o risco de adotar o sensacionalismo, seja pela inadequação dos jogos de palavras às informações apuradas, seja pela “a-historicização” dos fatos.

Na matéria, o jornal carioca, que pertence ao grupo Globo, traz Viviane como uma “entidade do sambódromo”. A palavra “entidade” remete ao sagrado, a algum ser espiritual que é objeto de culto, fazendo alusão, assim, às “entidades umbandistas”, como se a atriz fosse a própria pombagira Maria Padilha. Esse termo ajuda a reforçar o título da matéria “Viviane Araújo fala sobre performance em ensaio após povo achar que ela ‘incorporou’ entidade: ‘claro que não. sou atriz!’”.

Viviane Araújo é praticamente uma entidade do Sambódromo carioca. Mas foi representando uma entidade de fato que a rainha de bateria do Salgueiro virou assunto após o ensaio técnico da escola no último domingo. Vivi interpretou, à frente da bateria Maria Padilha, uma das figuras mais importantes na umbanda. E foi tão convincente que muitos acreditaram que ela estava incorporada. “Por um lado fico até feliz, porque sou uma atriz mesmo! As pessoas realmente acreditaram nisso. Mas claro que não estava né, gente? Primeiro que nem sou médium para isso, respeito e admiro essa religião, mas não tenho mediunidade para estar incorporada na Avenida. Estava simplesmente fazendo o que gosto de fazer que é atuar”, explica. (Extra Online, 2016)

Assim como no outro jornal analisado, o Extra não falou sobre a performance da atriz, no que se refere a gestos, e abordou a polêmica envolvendo as críticas que Viviane recebeu nas redes sociais, principalmente as que falam sobre a suposta incorporação no sambódromo do Rio de Janeiro.

Nos dias seguintes à performance de Vivi, as redes sociais se encheram de fotos e vídeos dela na Sapucaí. A grande maioria aborda a “incorporação”. “Estava encarnando, sim, uma personagem que faz parte do enredo da escola. Vamos contar a história do malandro. Eu quis fazer essa encenação baseada no enredo. O que eu vi, no entanto, foram muitos elogios”, justifica a rainha. O tititi da Sapucaí foi tamanho que começaram a surgir textos sobre intolerância religiosa atribuídos a Viviane em páginas de fãs. A atriz nada escreveu, garante: “Eu respeito e admiro muito o espiritismo. Mas o que eu estava fazendo ali era apenas a interpretação de uma personagem. É claro que, por ser uma figura que é da umbanda ou do candomblé, que seja, as pessoas que são dessa religião vão se manifestar a favor e as que

não são vão ser contra. Mas a vida é assim. Me preocupei em fazer bem o que eu fiz e o que a minha escola fez, um ensaio arrebatador. Espero que seja assim no dia do desfile. Estamos falando de carnaval e não de religião ou intolerância, nada disso”. (Extra Online, 2016)

No entanto, o cunho sensacionalista presente no texto do veículo carioca é nítido. A representação da pombagira Maria Padilha criada no discurso jornalístico do veículo carioca pode determinar e/ou intensificar o processo de marginalização das entidades umbandistas na sociedade, excluindo-os do exercício da cidadania e contribuindo para o crescimento da intolerância religiosa.

Considerações finais

Diante dos fatos apresentados, as representações das religiões no discurso jornalístico podem gerar estigmas contra as religiões de matriz africana porque - como no caso aqui apresentado -, distorcem a visão do sagrado religioso que envolve o panteão umbandista. Isto acontece porque o jornalismo parece não se aprofunda nos temas polêmicos como religiosidade e acaba por reproduzir o discurso do senso comum da sociedade brasileira sobre a umbanda.

Percebe-se que existe uma cobertura jornalística substancial sobre o carnaval brasileiro, uma vez que é, entre os festejos populares, o mais famoso e que abrange todo o território nacional. É de interesse da população saber sobre a festa anual, mas a cobertura realizada não se destaca em termos de conteúdo informativo e de qualidade, uma vez que se restringe, muitas vezes, às pautas que focam nos famosos, como é o caso do enfoque das matérias analisadas que abordaram unicamente a rainha de bateria Viviane Araújo. Percebe-se também que não há um enfoque no contexto da escola de samba Salgueiro e do desfile em si, “A Ópera do Malandro”.

Fica claro pelo histórico que as escolas de samba possuem com as religiões de matriz africana que o desfile busca homenagear os malandros e prostitutas, que fazem parte da umbanda. Essa homenagem não se traduz em termos de conteúdo jornalístico. Não houve um aprofundamento histórico sobre a ligação umbanda e salgueiro, assim como todo o contexto da escola que já desenvolveu o tema umbanda em outros desfiles.

Surge o questionamento sobre o porquê do jornalismo não exerce o seu papel de informar tão bem sobre o ritual do carnaval, bem como imagens e personagens que o compõem. Analisando as matérias infere-se que os textos veiculados não promovem um fórum de ideias sobre o tema a fim de reduzir estigmas contra as religiões de matriz africana que estão à margem da hegemonia nacional.

Dada a profundidade do assunto e as raízes históricas do preconceito religioso no Brasil, torna-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, e uma análise aprofundada do discurso jornalístico quando este aborda as religiões de matriz africana e suas formas de representações culturais. Também é necessário investigar qual o viés abordado na hora de veicular conteúdo que aborda o carnaval no Brasil, quais suas motivações e critérios para que este vire notícia.

Referências

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **Universo do carnaval: reflexões e imagens**. Rio de Janeiro: Pinakitheke, 1981.

DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. Editora Brasiliense, 1992.

FRANÇA, Júlio; SILVA, Daniel Augusto P. **De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira**. Opiniões, n. 6-7, p. 51-66, 2015.

GOLDWASSER, Maria Julia. **O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira**. Zahar Editores, 1975.

MEYER, Marlyse. **Maria Padilha e toda sua quadrilha: de amante de um rei de Castela a pomba-gira de umbanda**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____, Marlyse. **Feitiços de Amor**. Revista USP. São Paulo: 1996, p.104-111.

MOURÃO, Tadeu. **Encruzilhadas da cultura: imagens de Exu e Pombajira**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do Feiticeiro negro: Umbanda e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

PEIRANO, Mariza. **Rituais: Ontem e hoje.** 2003 Disponível em:
<<https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/09/rituais-ontem-e-hoje-mariza-peirano.pdf>>.
Acesso em: 29 de novembro de 2018.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discursos:** introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Pombagira e as faces inconfessas do Brasil.** Herdeiras do axé. São Paulo: Hucitec, 1996. Disponível em<
<http://www.institutocaminhosorientado.com/Livros/Pombagira.pdf>>. Acesso em 9 de outubro de 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: Caminhos da devoção brasileira.** São Paulo: Ática, 1994.

Viviane Araújo celebra Pombajira na Sapucaí e rebate preconceito: Já Basta. 2016. Disponível em:
<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/01/26/internas_viver.623724/viviane-araujo-celebra-pombajira-na-sapuca-i-e-rebate-preconceito-ja-b.shtml>. Acesso em: 26 de out. 2018.

Viviane Araújo fala sobre performance em ensaio após povo achar que ela ‘incorporou entidade: ‘Claro que não. Sou atriz!’”. 2016 Disponível em:
<<https://extra.globo.com/famosos/viviane-araujo-fala-sobre-performance-em-ensaio-apos-povo-achar-que-ela-incorporou-entidade-claro-que-nao-sou-atriz-18549264.html>>. Acesso em: 26 de out. 2018.